

O Hino Levado a Sério

J. Roberto Whitaker Penteado

Patriotismo significa gostar do país, não das pessoas...- Adaptado de Ted Roosevelt

Como muitos brasileiros, surpreendeu-me a escolha do nosso Hino Nacional – durante a Copa 2006 como o segundo mais belo do mundo, depois da Marselhesa... Tinha idéia de que era peça gongóricamente obscura, pretensiosa e demasiadamente longa. Até as palavras, sobretudo as adaptadas de Gonçalves Dias - sobre nossos bosques, flores, vida e amores – foram destacadas positivamente pelo Economist, que as contrapôs às invectivas bélicas sobre “ferozes soldados” e “morrer pela pátria”, presentes na maioria das músicas pátrias.

A Wikipédia conta que Francisco Manuel da Silva nasceu e morreu no Rio de Janeiro (1795-1865) e foi aluno do padre José Maurício Nunes Garcia – certamente o maior nome da música colonial brasileira. A enciclopédia assinala que “deixou inúmeras obras ainda não suficientemente estudadas”. Para um país relativamente pobre em grandes personagens musicais, alguém deveria estudar essas “inúmeras obras” pelo menos o suficiente para delas extrair o que pode ser aproveitado e conhecido.

A história do hino é curiosa – e não muito conhecida. A música foi inicialmente composta para banda, em 1822, para comemorar a independência. Em 1831, tornou-se popular com versos sobre a abdicação de Dom Pedro I. As duas primeiras letras não existem mais; caíram no esquecimento. A música foi sendo, aos poucos, adotada como hino nacional brasileiro, embora nunca tenha sido oficializada pelo imperador – sabe-se lá porquê. É de 1869 a famosa Fantasia sobre seus temas, composta pelo compositor norte-americano Louis Moreau Gottschalk.

Após a proclamação da República os novos governantes abriram um concurso para a escolha de um novo hino, que foi ganho por Leopoldo Miguez. Houve, entretanto, manifestações populares contrárias à adoção do novo hino (quem disse que, naquela época, o Brasil não tinha povo?) e o presidente Deodoro da Fonseca oficializou como Hino Nacional Brasileiro a composição de Francisco Manuel da Silva, estabelecendo – salomonicamente - que a composição de Leopoldo Miguez seria o “Hino da Proclamação da República” (de vez em quando desenterrado, começa com as palavras “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!”)

Durante o centenário da Proclamação da Independência, em 1922, finalmente a letra escrita pelo poeta e jornalista Joaquim Osório Duque Estrada foi oficializada pelo presidente Epitácio Pessoa. A orquestração “oficial” do hino é de Antônio de Assis Republicano e sua instrumentação para banda do mestre de música Antão Fernandes. A adaptação vocal foi feita por Alberto Nepomuceno e – você sabia? – até 1992 era proibida a execução de quaisquer outros arranjos vocais ou artístico-instrumentais do hino. Também é considerado errado – protocolarmente – bater palmas após a execução do hino. A partir de 1992 – no governo Collor (!) - caiu a obrigatoriedade de executar a melodia duas vezes, se o hino não for cantado. Se não, como se sabe, tem-se o hino em dobro...

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=150&ID=377>>. **Acesso em: 30 jul. 2009**